



---

---

A

---

---

**GUERRA  
CONTRA  
O OCIDENTE**

---

---

**DOUGLAS MURRAY**

**A  
GUERRA  
CONTRA  
O OCIDENTE**

---

---

A

---

---

**GUERRA  
CONTRA  
O OCIDENTE**

---

---

DOUGLAS MURRAY

TRADUÇÃO  
FERNANDO SILVA



*Para meus afilhados.*

# INTRODUÇÃO

Tornou-se claro, nos últimos anos, que há uma guerra em andamento: uma guerra contra o Ocidente. Ela não é como as guerras anteriores, em que os exércitos se chocavam e os vencedores eram declarados. Trata-se de uma guerra cultural, e está sendo travada impiedosamente contra todas as raízes da tradição ocidental e contra tudo de bom produzido por ela.

No início, era difícil de discernir o que estava acontecendo. Muitos de nós sentíamos que algo estava errado. Nós nos perguntávamos por que discussões unilaterais continuavam sendo feitas e por que alegações injustas continuavam sendo levantadas. Porém, não percebíamos a escala total do que vinha sendo tentado, até porque a própria linguagem das ideias estava corrompida. As palavras não significavam mais o que haviam significado até pouco tempo antes.

As pessoas começaram a falar de “igualdade”, mas não pareciam se importar com direitos iguais. Elas falavam de “antirracismo”, mas soavam profundamente racistas. Elas falavam de “justiça”, mas pareciam querer dizer “vingança”.

Foi somente nos últimos anos, quando os frutos desse movimento vieram à tona, que sua escala se tornou nítida. Há um ataque acontecendo contra tudo relacionado ao mundo ocidental – seu passado, presente e futuro. Faz parte desse processo termos ficado presos em um ciclo de interminável punição, sem nenhum esforço sério para (ou mesmo consideração de) aliviá-lo.

Na última década, lutei à minha maneira para entender esse fenômeno. Em 2017, com *The Strange Death of Europe*, abordei um aspecto dele: as mudanças provocadas no Ocidente pela migração em massa. Durante os anos em que abordei a questão da imigração, pareceu-me que algo mais profundo estava acontecendo. Às margens das ilhas gregas e italianas, observando os barcos chegarem e socializando nos campos de migrantes que surgiram nas grandes cidades, vi de perto as consequências da mudança do mundo em desenvolvimento para o mundo desenvolvido. Nunca culpei nenhum migrante por querer fazer essa viagem. Estive em muitos dos países de onde os migrantes fugiam; quer estivessem fugindo da guerra, quer (na maioria dos casos) da privação econômica, sua atitude era algo muito compreensível.

O que me incomodava era por que os europeus permitiam que isso acontecesse e por que se esperava que eles se anulassem para sobreviver. Dizia-se que a Europa tinha uma dívida histórica, a qual legitimava esse movimento. Entretanto, mesmo aqueles que argumentaram isso não conseguiram abordar onde se encontrava o limite desse movimento.

Haveria um momento em que essa “dívida” ocidental seria paga? Porque, a cada ano, tinha-se a impressão de que, em vez de estar sendo paga, a dívida estava aumentando.

Também comecei a notar que a mesma história se desenrolava em todos os países considerados ocidentais. Em cada um deles, as justificativas dadas para permitir esse movimento de pessoas eram as mesmas, apesar de suas posições geográficas muito diferentes. Há anos os Estados Unidos enfrentam seu próprio desafio migratório, principalmente na fronteira sul. Em minhas viagens por todo o país, ouvi os mesmos argumentos que na Grã-Bretanha e na Europa. Um tipo semelhante de político e outras figuras públicas continuavam explicando ao povo americano por que suas fronteiras deveriam ser frouxas ou totalmente porosas. Assim como na Europa, havia indivíduos e entidades poderosos alegando que os únicos países civilizados eram aqueles que deixavam o mundo entrar. O mesmo aconteceu no Canadá e, do outro lado do planeta, na Austrália. Em todos os cantos, as sociedades consideradas “ocidentais” (isto é, países europeus ou países descendentes da civilização europeia) experimentaram o mesmo padrão de argumentos. Nenhum lugar não ocidental recebeu tal tratamento.

Apenas os países ocidentais, espalhados por três continentes, foram constantemente informados de que, para ter alguma legitimidade – para serem considerados decentes –, deveriam alterar, rápida e fundamentalmente, sua composição demográfica. A visão do século XXI parecia ser a de que a China teria permissão para permanecer China, os vários países do Extremo Oriente, do Oriente Médio e da África deveriam ter permissão para permanecer como eram – na verdade, isso era esperado – ou mesmo retornar a algo que talvez tenham sido outrora. Entretanto, esperava-se que os países identificáveis como sendo “do Ocidente” se tornassem outra coisa ou perdessem toda a legitimidade. É claro que países e estados têm o direito de mudar. Com o tempo, uma certa quantidade de mudança é inevitável. Porém, a impressão era de haver algo tendencioso no que estava acontecendo: algo desequilibrado e incorreto. Os argumentos eram propostos não por amor aos países em questão, mas por um maldisfarçado ódio por eles. Aos olhos de muitas pessoas, sobretudo dentro de suas próprias populações, esses países pareciam ter feito algo errado, que deveriam expiar. O Ocidente era o problema. A dissolução do Ocidente era uma solução.

Havia outros sinais de que algo estava errado. Em 2019, abordei alguns deles em *A Loucura das Massas*. Referi-me ao desafio criado pela “política de identidade” – especificamente a tentativa de desmembrar as sociedades ocidentais em termos de sexo, sexualidade e raça. Após o século xx, a identidade nacional se tornou uma forma vergonhosa de pertencimento e, de repente, todas essas outras formas de pertencimento apareceram em seu lugar. Começaram a dizer às pessoas que elas se considerassem membros de outros grupos específicos. Elas eram gays ou heterossexuais, homens ou mulheres, negros ou brancos. Essas formas de pertencimento também foram enviesadas para uma direção antiocidental. Os gays eram celebrados, desde que fossem “*queer*” e quisessem derrubar todas as instituições existentes. Gays que só queriam seguir com a vida ou que realmente gostassem do mundo ocidental foram deixados de lado. Da mesma forma, contanto que as feministas estivessem atacando as “estruturas masculinas”, o capitalismo ocidental e muito mais, elas seriam úteis. Feministas que não seguissem essa linha ou que acreditassem estar comparativamente bem no Ocidente eram tratadas, na melhor das hipóteses, como vendidas, e na pior, como inimigas.

O discurso sobre raça ficou ainda pior. As minorias raciais que haviam se integrado bem ao Ocidente, contribuindo para ele e até o admirado passaram a ser cada vez mais tratadas como traidoras da raça. Como se outra lealdade fosse esperada delas. Radicais que quisessem destruir tudo eram venerados. Falava-se com – e sobre – negros americanos e outros que queriam celebrar o Ocidente e agregar algo a ele como se fossem apóstatas. Cada vez mais, eles eram chamados pelos piores nomes. O amor pela sociedade em que estavam era tratado como um argumento contra eles.

Ao mesmo tempo, tornou-se inaceitável falar sobre qualquer outra sociedade de maneira remotamente semelhante. Apesar de todos os abusos inimagináveis perpetrados em nossa própria época pelo Partido Comunista Chinês (PCC), quase ninguém fala da China com um pinga da raiva e do nojo derramados diariamente contra o Ocidente no próprio Ocidente. Os consumidores ocidentais ainda compram roupas baratas da China. Não há nenhuma tentativa generalizada de boicote. “*Made in China*” não é um símbolo de vergonha. Coisas terríveis acontecem naquele país neste exato momento, e ele ainda é tratado como normal. Autores que se recusam a permitir a tradução de seus livros para o hebraico ficam emocionados ao vê-los aparecer na China. Enquanto isso, a Chick-fil-A recebe mais críticas por fazer seus sanduíches nos Estados Unidos do que a Nike por produzir seus tênis em fábricas chinesas em condições análogas à escravidão.

Porque no Ocidente desenvolvido aplica-se um padrão diferente. No que diz respeito aos direitos das mulheres e das minorias sexuais e, particularmente,

à questão do racismo, tudo foi apresentado como se nunca tivesse sido pior no momento em que nunca havia sido melhor. Ninguém poderia negar o flagelo do racismo – que pode ser encontrado, em alguma forma, ao longo de toda a história registrada. As tendências dentro e fora do grupo são excepcionalmente fortes em nossa espécie. Não somos tão desenvolvidos quanto gostaríamos de imaginar. No entanto, nas últimas décadas, a situação nos países ocidentais em relação à igualdade racial tem sido melhor do que nunca. Nossas sociedades fizeram um esforço para ir “além da raça”, lideradas pelo exemplo de alguns homens e mulheres notáveis de todas as origens raciais, especialmente por alguns americanos negros extraordinários. Não era inevitável que as sociedades ocidentais desenvolvessem, ou mesmo almejassem, a tradição de tolerância racial que temos.

Não era inevitável que acabássemos vivendo em sociedades que consideram, com justiça, o racismo como um dos pecados mais abomináveis. Isso aconteceu porque muitos homens e mulheres corajosos expuseram seus argumentos, lutaram por essa situação e reivindicaram seus direitos.

Nos últimos anos, passou a soar como se essa luta nunca tivesse acontecido. Como se fosse uma miragem. Nos últimos anos, passei a pensar nas questões raciais no Ocidente como um pêndulo, que passou do ponto de correção e entrou em sobrecorreção. Como se manter o pêndulo em uma ligeira sobrecorreção, durante tempo suficiente, pudesse estabelecer a igualdade com mais firmeza. A esta altura, está evidente que, por mais bem-intencionada que essa crença possa ter sido, ela foi totalmente equivocada. A raça é agora um problema em todos os países ocidentais de uma forma como não era havia décadas. Como forma de substituir a falta de preconceito racial, fomos empurrados para a ultraconsciência racial. Uma imagem profundamente distorcida foi agora pintada.

Como todas as sociedades da história, todas as nações ocidentais têm racismo em seu passado. Entretanto, esse não é o único aspecto da história de nossos países. O racismo não é a única lente através da qual nossas sociedades podem ser compreendidas; todavia, é, cada vez mais, a única lente usada. Tudo no passado é visto como racista e, portanto, tudo no passado está contaminado.

Porém, mais uma vez, apenas no passado ocidental, graças às lentes raciais radicais que foram colocadas sobre tudo. O racismo terrível existe atualmente em toda a África, expresso por africanos negros contra outros africanos negros. O Oriente Médio e o subcontinente indiano estão repletos de racismo. Viaje a qualquer lugar do Oriente Médio – até mesmo aos Estados “progressistas” do Golfo – e você verá um sistema de castas moderno em ação. Existem os grupos raciais de “classe superior”, que administram essas sociedades e se beneficiam delas. E depois há os trabalhadores estrangeiros desprotegidos, que são levados para trabalhar para eles



como uma classe trabalhadora importada. Essas pessoas são desprezadas, maltratadas e até descartadas, como se suas vidas não tivessem valor. E no segundo país mais populoso do mundo, como qualquer um que tenha viajado pela Índia saberá, um sistema de castas permanece em operação, de maneira vívida e assustadora. Ele ainda chega ao ponto de considerar certos grupos de pessoas como “intocáveis”, por nenhuma razão além de um acidente de nascimento. É um sistema de preconceito doentio, e está muito vivo.

No entanto, ouvimos muito pouco sobre essas questões. Em vez disso, o mundo recebe apenas um relatório diário de como os países que, independentemente do critério usado, têm menos racismo, e de como os lugares onde ele é mais abominado são os lares do racismo. Essa alegação distorcida tem até um adendo final: se outros países têm algum racismo, deve ser porque o Ocidente exportou o vício para eles. Como se o mundo não ocidental fosse sempre feito de inocentes edênicos.

Aqui, mais uma vez, fica claro que algum registro injusto foi criado. Um registro em que o Ocidente é tratado por um conjunto de padrões, e o resto do mundo, por outro. Um livro no qual a impressão é de que o Ocidente não consegue fazer nada certo e o resto do mundo não pode fazer nada errado, ou faz errado só porque nós do Ocidente os obrigamos a fazê-lo.

Esses são apenas alguns dos sintomas – com os quais tentei lidar, um por um, nos últimos anos – que podem ser discernidos em nosso tempo. Porém, quanto mais eu os considero e quanto mais longe viajo pelo mundo, mais claro se torna que esta era é definida por uma coisa, acima de tudo: uma mudança civilizacional que tem estado em andamento ao longo de nossas vidas. Uma mudança que vem abalando os fundamentos profundos de nossas sociedades, porque é uma guerra contra tudo dentro delas.

Uma guerra contra tudo o que marcou nossas sociedades como incomuns – até mesmo notáveis. Uma guerra contra tudo o que as pessoas que vivem no Ocidente tinham, até muito recentemente, dado como certo. Para essa guerra ser malsucedida, ela precisará ser exposta e repelida.

*A Guerra Contra o Ocidente* é um livro sobre o que acontece quando um dos lados de uma guerra fria – o lado da democracia, da razão, dos direitos e dos princípios universais – se rende de maneira prematura. Muitas vezes enquadrámos essa luta de forma errada. Permitimos que seja chamada de temporária ou marginal, ou simplesmente a descartamos como guerra cultural. Interpretamos mal os objetivos dos participantes ou minimizamos o papel que ela terá na vida das gerações futuras. No entanto, as apostas aqui são tão altas quanto em qualquer luta no século xx, com muitos dos mesmos princípios envolvidos – até mesmo com muitos dos mesmos maus atores.

Passamos da situação de apreciar e ponderar o que há de bom na cultura ocidental à de dizer que todas as partes dela devem ser desmanteladas.

Já se passaram mais de trinta anos desde que o pastor Jesse Jackson liderou uma multidão de manifestantes na Universidade de Stanford com o coro “*Hey, hey, ho, ho, Western Civ has got to go*” [“Ei, ei, ora, ora, a cultura ocidental tem que ir embora”, em tradução livre]. Naquela época, o pastor Jackson e seus seguidores protestavam contra o curso introdutório da Universidade de Stanford chamado Cultura Ocidental. Eles apontaram que havia algo errado em ensinar o cânone e a tradição ocidentais. Porém, o mais impressionante foi o que aconteceu a seguir. A universidade cedeu rapidamente, substituindo o estudo da cultura ocidental pelo estudo de muitas culturas. O que aconteceu em Stanford em 1987 foi um sinal de tudo o que estava por vir.

Nas décadas que se seguiram, quase toda a academia no mundo ocidental seguiu o exemplo de Stanford. A história do pensamento, da arte, da filosofia e da cultura ocidentais se tornou um assunto cada vez menos comunicável. Na verdade, tornou-se uma espécie de constrangimento: o produto de um bando de “homens brancos mortos”, para usar apenas um dos apelidos encantadores que entraram na linguagem.

Desde então, qualquer esforço para manter vivo, quanto mais reviver, o ensinamento da civilização ocidental se deparou com hostilidade constante, escárnio e até violência. Acadêmicos que buscaram estudar as nações ocidentais sob uma luz neutra foram impedidos de fazer seu trabalho e sujeitos a intimidação e difamação, inclusive de colegas. Na Austrália, o Ramsay Centre for Western Civilisation, cujo conselho é presidido pelo ex-primeiro-ministro John Howard, vem tentando encontrar universidades com as quais fazer parceria para que os alunos possam estudar a civilização ocidental, e tem enfrentado grande dificuldade para achar universidades dispostas a trabalhar com eles. E isso nos diz algo sobre a velocidade dessa grande mudança. Apenas algumas décadas atrás, um curso sobre a história da civilização ocidental era comum. Hoje, é tão vergonhoso que você não pode pagar universidades para fazê-lo.

Em 1969, a BBC exibiu *Civilisation*, a extraordinária série documental com treze episódios de *sir* Kenneth Clark. O objetivo era fornecer uma história unificada da civilização ocidental, e ela o fez, embasando a compreensão de milhões de espectadores em todo o mundo. Quase cinquenta anos depois, em 2018, a BBC tentou dar seguimento à série. *Civilisations* (com ênfase no *s*) era uma mistura de três historiadores diferentes, tentando desesperadamente garantir que não soariam como se estivessem dizendo que o Ocidente era melhor do que qualquer outro lugar e oferecendo uma espécie de história mundial que não tornava nada muito claro.

Em poucas décadas, a tradição ocidental deixou de ser celebrada para se tornar constrangedora e anacrônica e, finalmente, para ser algo vergonhoso. Passou de uma história destinada a inspirar as pessoas e educá-las em suas vidas para uma história destinada a envergonhá-las. E não era apenas ao termo “ocidental” que os críticos se opunham: era a tudo relacionado a ele. Até a própria “civilização”. Como disse Ibram X. Kendi, um dos gurus do “antirracismo” racista moderno, “a palavra ‘civilização’ muitas vezes é, por si só, um eufemismo educado para racismo cultural”.<sup>1</sup>

É claro que alguma oscilação do pêndulo é inevitável, e pode até ser desejável. Certamente, houve momentos no passado em que a história do Ocidente foi ensinada como se fosse a história de um bem imperturbável; crítica histórica e o ato de repensar nunca são uma má ideia. No entanto, a busca por problemas visíveis e tangíveis não deve se tornar uma busca por problemas invisíveis e intangíveis. Especialmente se for realizada por gente desonesta com as soluções mais extremas. Se permitirmos que críticos maliciosos deturpem e sequestram nosso passado, então o futuro que eles planejam com base nisso não será harmonioso. Será um inferno.

Ao longo do livro, explorarei duas ideias principais. A primeira é que os críticos da civilização ocidental fornecem opções. Eles veneram todas as culturas, desde que não sejam ocidentais. Por exemplo, todo pensamento e expressão cultural nativos devem ser celebrados, desde que essa cultura nativa não seja ocidental. Essa é a comparação que eles querem que façamos, então vamos fazê-la.

Dois grandes problemas resultam da celebração de todas as culturas não ocidentais. O primeiro é que os países não ocidentais são capazes de se safar de crimes contemporâneos tão monstruosos quanto qualquer coisa que tenha acontecido no passado ocidental. Um hábito incentivado por algumas potências estrangeiras. Afinal, se o Ocidente está tão preocupado em se denegrir, que tempo poderia encontrar para olhar para o resto do mundo? Entretanto, o outro grande problema é que isso leva a uma forma de internacionalismo paroquial, no qual os ocidentais presumem, erroneamente, que aspectos da herança ocidental são aspirações comuns a todo o resto do globo.

Da Austrália ao Canadá e aos Estados Unidos, e por toda a Europa, uma nova geração absorveu a noção de que aspectos da tradição ocidental (como “direitos humanos”) são uma norma histórica e global, implementada em todos os lugares. Com o tempo, passou a parecer que a tradição ocidental que desenvolveu essas normas falhou exclusivamente em cumpri-las e que as culturas “nativas” não ocidentais são (entre muitas outras coisas) mais puras e esclarecidas do que a cultura ocidental jamais poderá ser. Essas não são visões marginais e nem são novas. Elas remontam ao século XVIII, pelo menos. Hoje, permeiam a obra de autores *best-sellers*, como Naomi Klein e Noam Chomsky. Essas visões são ensinadas em

universidades e escolas em todo o mundo ocidental, e seus resultados podem ser vistos em quase todas as grandes instituições culturais e políticas. Eles surgem nos lugares mais surpreendentes.

Por exemplo, o National Trust, na Grã-Bretanha, deveria existir para manter abertas muitas das casas de campo mais bonitas e caras do país. Os 5,6 milhões de membros do Trust tendem a gostar de passear por uma mansão imponente e depois tomar um chá da tarde. Porém, nos últimos anos, o Trust decidiu que tem outro trabalho: educar seus visitantes sobre os horrores do passado. E não apenas sobre as conexões com o império e o tráfico de escravos, a homofobia e os crimes de primogenitura. Recentemente, optou por promover a ideia de que o próprio interior rural inglês é racista e (como diz o diretor do programa do Trust) uma “terra verde desagradável”.

Selecionei esse exemplo, mas você pode escolher quase qualquer área da vida e descobrir que ela foi denunciada da mesma maneira. Tudo, desde arte, matemática e música até jardinagem, esporte e comida, passou pelo mesmo ciclo de propaganda. Há muitas curiosidades em tudo isso. Uma delas é que, enquanto o Ocidente é agredido por tudo o que fez de errado, agora não recebe nenhum crédito por ter feito algo certo. Na verdade, essas coisas – incluindo o desenvolvimento de direitos individuais, liberdade religiosa e pluralismo – são usadas contra ele.

Isso nos leva a um segundo quebra-cabeça mais profundo. Por que expor tudo no Ocidente ao ataque?

A cultura que deu ao mundo avanços na ciência e na medicina capazes de salvar vidas, além de um livre mercado que tirou bilhões de pessoas ao redor do mundo da pobreza, e proporcionou o maior florescimento de pensamento em qualquer lugar do mundo é interrogada através de uma lente da mais profunda hostilidade e simplicidade. A cultura que produziu Michelangelo, Da Vinci, Bernini e Bach é retratada como se não tivesse nada relevante a dizer. As novas gerações aprendem essa visão ignorante da história. Elas recebem uma história das falhas do Ocidente sem gastar um tempo correspondente com suas glórias.

Hoje em dia, toda criança em idade escolar sabe sobre a escravidão. Quantas podem descrever sem ironia, vergonha ou ressalva os grandes presentes ofertados ao mundo pela tradição ocidental?

Todos os aspectos da tradição ocidental sofrem agora o mesmo ataque. A tradição judaico-cristã, que formou a pedra angular da tradição ocidental, se encontra sob particular ofensiva e difamação. Entretanto, o mesmo acontece com a tradição do secularismo e do Iluminismo, que produziu um florescimento na política, nas ciências e nas artes. E isso tem consequências. Uma nova geração parece não entender nem mesmo os princípios mais básicos do livre pensamento e da liberdade de

expressão. Na verdade, eles são retratados como produtos do Iluminismo europeu e atacados por pessoas que não entendem como, ou por que, o Ocidente chegou ao acordo que chegou com relação à religião. Nem como a priorização do método científico permitiu às pessoas ao redor do mundo melhorias incalculáveis em suas vidas. Em vez disso, essas heranças são criticadas como exemplos de arrogância e elitismo ocidentais e superioridade imerecida. Como resultado, tudo relacionado à tradição ocidental está sendo descartado. Nas faculdades de educação nos Estados Unidos, aspirantes a professores recebem seminários de treinamento nos quais são ensinados que até mesmo o termo “diversidade de opinião” é “bobagem de supremacistas brancos”.<sup>2</sup>

Esta não é uma história do Ocidente e nem pretende ser. Tal trabalho teria de ser muito mais extenso. Também não desejo encerrar o debate considerável que vem acontecendo neste momento. Gosto dele e o considero útil. Até agora, porém, ele tem sido desenfreadamente unilateral. Como veremos, envolveu políticos, acadêmicos, historiadores e ativistas que saíram impunes depois de dizer coisas que não são simplesmente incorretas ou imprudentes, mas totalmente falsas. Eles saíram impunes por tempo demais.

Há muitas facetas para esta guerra contra o Ocidente. Ela acontece em toda a mídia e ondas de rádio, e em todo o sistema educacional, desde a pré-escola. É abundante na cultura mais ampla, em que todas as principais instituições culturais estão sob pressão, ou realmente se voluntariando, para se distanciar de seu próprio passado. E agora existe no topo do governo americano – um dos primeiros atos do novo governo foi emitir uma ordem executiva pedindo “equidade” e o desmantelamento do que chamou de “racismo sistêmico”.<sup>3</sup> Parece que estamos matando a galinha que botou ovos de ouro muito valiosos.